

COM QUANTAS TRAVAS SE FAZ UM PLOC? Uma análise sobre os determinantes da inserção de travestis na prostituição em Aracati CE.

Cobra Preta dos Santos Galvão¹

Maria Cláudia Batista da Silva²

RESUMO

O presente artigo visa fazer uma análise sobre os determinantes da inserção de travestis na prostituição em Aracati CE apontando os impactos da estrutura patriarcal brasileira na relação familiar das travestis e assim examinar o contexto sócio-histórico da prostituição de travestis no contexto aracatiense e brasileiro. Nosso ponto de partida para tal compreensão é o método materialista histórico dialético de modo a perscrutar a essência da realidade/sociedade, na sua relação dialética com a aparência. Neste processo, percebemos que o preconceito e a discriminação no âmbito familiar, somado à falta de oportunidade no mercado formal de trabalho, bem como a necessidade de suprir sua sobrevivência, são fatores determinantes para a inserção subordinada das travestis na prostituição.

Palavras-chave: Travestis; Prostituição; Família.

ABSTRACT

This article aims to analyze the determinants of the insertion of transvestites in prostitution in Aracati CE, pointing out the impacts of the Brazilian patriarchal structure on the family relationship of transvestites and thus examine the socio-historical context of prostitution of transvestites in the Aracati and Brazilian context. Our starting point for such an understanding is the dialectical historical materialist method in order to scrutinize the essence of reality/society, in its dialectical relationship with appearance. In this process, we perceive that prejudice and discrimination within the family, added to the lack of opportunities in the formal job market, as well as the need to make ends meet, are determining factors for the subordinate insertion of transvestites in prostitution.

Keywords: Transvestites; Prostitution; Family.

1 INTRODUÇÃO

¹ Assistente Social da Prefeitura Municipal de Aracati-CE; Mestra em Serviço Social pela UFRN; cobrapreta.artes@gmail.com.

² Mestranda em Serviço Social do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGSS/UFRN); claudia.batista.040@edu.ufrn.br.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A construção do ser travesti atravessa a avenida de uma sociedade patriarcal/capitalista e LGBTfóbica que institui papéis sociais de gênero pautados na binariedade do "ser homem" e o "ser mulher". Subvertendo a lógica sexo/gênero as travestis se colocam em um processo de não limitação do seus corpos e da sua subjetividade com relação ao que é imposto por essa estrutura. É no percurso da travestilidade que diferentes desafios se apresentam no cotidiano das travestis desde o ambiente familiar, primeiro círculo social em que seres humanos tomam parte em seus processos de socialização, até o convívio com a sociedade em geral.

Nas idas e vindas, encontros e desencontros, passagens e paradas dos processos acadêmicos, nos demos conta de que as rodovias brasileiras têm muitas histórias de vida e trabalho de travestis para serem contadas. Estacionamos no Posto BR em Aracati e nos deparamos com um cenário provavelmente comum para quem vive na estrada, ainda um tanto distante da academia: a prostituição de travestis. Tal fato nos instigou a apresentar, como parte da nossa pesquisa de mestrado, uma análise sobre os determinantes da inserção de travestis na prostituição em Aracati CE e desta forma buscar perceber o impacto da estrutura patriarcal brasileira na relação familiar das travestis e compreender o significado sócio-histórico da prostituição de travestis no contexto brasileiro.

Nosso ponto de partida, para compreensão e análise das determinações da inserção das travestis na prostituição e Aracati, é a Teoria Social Crítica de Marx, o método materialista histórico dialético. Esse método busca compreender a essência da realidade/sociedade, na sua relação dialética com a aparência. Como aponta Prates (2010) não é possível propor intervenções consistentes que não se pautem numa análise crítica da realidade e dos contextos nos quais se inserem sujeitos, grupos, instituições e sociedades.

Partindo desta preocupação, dialogamos neste com um conjunto de autores e autoras que desenvolvem análises críticas às diferentes maneiras como a população travesti é subalternizada sob a sociabilidade capitalista, sofrendo inúmeras formas de violência, abandono e violação de direitos. Nesse sentido,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



nosso artigo está estruturado em introdução, mais dois tópicos que discorrem sobre o termo travesti e o processo da travestilidade e a prostituição como forma de sobrevivência para a população travesti no Aracati e no Brasil, encerrando com nossas conclusões.

2 DESTRAVANDO O TERMO TRAVESTI E O PROCESSO DA TRAVESTILIDADE

Ramalho (2019), afirma que as primeiras teorizações sobre travestis resultaram do “modelo médico” que procurava explicar as causas dessa conduta à época considerada “patológica” com base em perspectivas biológicas, psicanalíticas, de aprendizagem social ou de desenvolvimento cognitivo. Segundo o mesmo autor a história da contextualização do fenômeno travesti pela medicina centrou-se na figura do “hermafrodita” procurando interpretar corpos que não podiam ser classificados inteiramente como machos ou fêmeas por se encontrarem em posição indefinida.

Uma das primeiras produções acadêmicas sobre travestis é de Hélio Silva (1993), sendo este sucedido por diversas contribuições, dentre elas destacamos Miskolci e Pelúcio (2007) os quais afirmam que travesti é uma expressão tipicamente brasileira, em geral, relacionada a indivíduos pertencentes às classes populares e que, portanto, comungam de valores morais, éticos e estéticos sobre gênero e sexualidade característicos de uma sociedade pós-escravista em que o binarismo e a dominação masculina são tão arraigados quanto persistentes.

De modo geral, aponta Ramalho (2019) que a palavra travesti é utilizada para designar a prática de adotar o vestuário, ornamentos, hábitos e comportamentos usuais do sexo oposto. As travestis tendem a ser compreendidas como pessoas que não se enquadram na binaridade de gênero. A pessoa travesti expressa na sua existência uma dualidade de gênero que na maioria das vezes é mal compreendida pelo sistema de normas cisgênero que dita o tráfego dos corpos e mentes. Este sujeito vai se construindo por meio do assim chamado processo da travestilidade.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Pelúcio (2005) e Oliveira (2016) apontam a travestilidade como a multiplicidade das vivências das travestis ligada à construção e a desconstrução dos corpos. Ainda conforme os autores, as travestis têm adotado o termo travestilidade para falar de sua condição, em uma tentativa de ressignificar o sentido das palavras “travestismo” e “travesti” no Brasil.

A travestilidade pode ser compreendida como o caminho, imbuído de aspectos sociais, econômicos e políticos, que o indivíduo percorre para (re)afirmar e construir o ser travesti podendo perpassar pela transformação corporal ou não. Como nos apresenta Pelúcio (2005) em seus estudos os passos narrados por travestis para o processo de travestilidade. O primeiro passo se dá, quando, segundo a própria nomenclatura do campo, ainda se é “gayzinho”, ou seja, o sujeito já assumiu a sua orientação sexual (neste caso, homossexual) para familiares e para “a sociedade” (ou seja, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se veste com roupas femininas, nem faz a ingestão de hormônios.

O passo seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo das travestis, vestir-se com “roupas femininas”, maquiarse de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo ocasional, furtivo, restrito a momentos de lazer.

O terceiro passo é a “transformação” em si, podendo envolver apenas depilação dos pelos do corpo e vestir-se cada vez mais frequentemente “como mulher”, como também pode indicar o momento inicial da ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis. A transformação seria esse processo de feminilização que se inicia com extração de pelos da barba, pernas e braços, em seguida se afina a sobrancelha, deixa-se o cabelo crescer e passa-se a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa.

Finalmente, o quarto passo, quando “já se é travesti” onde é frequente o ato de vestirem-se o tempo todo com “roupas femininas” (sobretudo roupas íntimas;

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



podendo estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha), é comum a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal), , até se chegar (e nem todas podem fazê-lo por absoluta falta de recursos financeiros) às intervenções mais radicais, passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e/ou nos seios (até mesmo de forma clandestina) e também a realização de cirurgias plásticas (afilamento do nariz, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maçãs do rosto e colocação de prótese de silicone).

Como afirma Silva (2016) é recorrente a busca pela transformação do corpo por meio da utilização de um hormônio feminino chamado Perlutan – por vezes de forma clandestina, outras vezes sob prescrição médica –, hormônio que age no crescimento dos seios e modulação da voz feminina. Hoje o mais conhecido/utilizado é o Evra os famosos adesivos. Existem algumas travestis que, por falta de condições socioeconômicas, se obrigam a fazer uso de óleo industrial, substância tóxica, por meio de injeções para ajudar no crescimento de partes do corpo como seios, nádegas e quadril.

A travestilidade como um caminho trilhado nos faz entender que não há uma uniformidade do processo do autorreconhecimento do sujeito enquanto travesti. Reconstruir-se corporalmente, socialmente e sobretudo politicamente são processos primordiais para o caminho da travestilidade: “Ser travestis é um processo, nunca se encerra” (PELÚCIO, 2005, p.224-225). Tal processo é marcado por provocar imediatas transformações no corpo da pessoa travesti: a forma de andar, de se portar e até a voz acompanha a mudança. Sendo assim, essas mudanças corporais, também produzem mudanças sociais sobre o significado desses corpos, esbarrando em na estrutura patriarcal, capitalista, LGBTfóbica da sociedade influenciando, de maneira assertiva, na vivência da travesti no círculo familiar.

Tratando de família entre travestis, Miskolci (2012) afirma, considerando que a família é o primeiro e um dos principais espaços de socialização dos sujeitos, que a (des)construção corporal, sexual e de gênero das travestis se apresenta. Na

PROMOÇÃO



APOIO



origem da família está presente um grande elemento: a ajuda mútua. Contudo, as travestis são privadas desse apoio familiar a partir do momento que em que sua identidade de gênero se revela, corporal e socialmente, abalando, de certa forma, a ordem normativa das relações familiares (GALVÃO e SILVA, 2021). Por conseguinte é no seio familiar que acontece o primeiro rompimento na vida das travestis (KULICK, 2008). Assim, é no espaço familiar onde se inicia a saga das travestis enfrentando os primeiros estigmas da sociedade.

Por vezes, e não é raro, dentro do círculo familiar, o corpo e a figura da travesti são encarados como uma “degeneração moral que estaria sempre por perto” (COSTA, 2022, p.49). Com isto, a convivência familiar torna-se conflituosa, causando, na maioria dos casos, fraturas por vezes irreversíveis da relação da pessoa travesti com a família consanguínea.

O processo de transformação do corpo e da identidade do ser travesti desconstrói a identidade construída no imaginário da família. Fato que, muitas vezes, incompreendido como um processo pessoal e tratado como “assunto de família”, acaba por complexificar a aceitação destes sujeitos no meio familiar. Tal incompreensão a respeito da travestilidade, e a conseqüente não aceitação da identidade travesti, leva, muitas vezes, à expulsão desta do convívio familiar, rompendo vínculos sociais e afetivos, restando a ela a rua como espaço de moradia, vida e sobrevivência (GALVÃO e SILVA, 2021).

3 PROSTITUIÇÃO COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA PARA A POPULAÇÃO TRAVESTI NO ARACATI E NO BRASIL

O termo prostituição vem do latim *prosto*, que quer dizer estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público (FRANÇA, 2009). Esse aspecto de exposição de algo ou alguém nos remete a pensar como e onde ela acontece. A atividade da prostituição é delimitada por tempo e espaço nas cidades. Logo, pensar em atividades diurnas e noturnas no centro e em periferias das cidades é situar também indivíduos que executam essas atividades.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Maria Ilidiana (2009) afirma que no Brasil a elevada concentração de riqueza tem gerado condições extremas de desigualdade social que a cada momento tem ampliado o fosso que separa os ricos da grande massa de miseráveis, massa essa muitas vezes composta por trabalhadores que perderam seus empregos e não conseguem mais se inserir no mercado de trabalho. A “opção” que muitas vezes resta para esses sujeitos é sua inserção em atividades que lhes deem condições de sobrevivência.

Amaral (2013) em suas colocações defende que o mover da sociedade se caracteriza por relações de gênero definidas e normativas e quem não se enquadra logicamente vai ser excluído de alguma forma. Não tendo, pois, o apoio da família e não sendo respeitadas enquanto cidadãs nas relações sociais presentes na sociedade, as travestis se veem sozinhas sem meios para sobrevivência, sendo neste caso relegadas ao espaço rua como único espaço de acolhida para seus corpos estigmatizados, ficando assim completamente expostas, à mercê da solidariedade de conhecidos ou desconhecidos (GALVÃO e SILVA, 2021).

O preconceito e a falta de perspectiva em encontrar um trabalho formal, e ainda diante das exigências de escolaridade e qualificação profissional, as travestis se veem diante de uma muralha a separá-las e distanciá-las do mercado formal de trabalho. Vale ressaltar que a escola, assim como as famílias, também não tem se configurado como um espaço acolhedor para as travestis, que acabam abandonando os estudos ainda na educação básica, no Brasil, esse número chega a 82% para pessoas trans e travestis (OAB, 2022).

Todos esses fatores de exclusão, são diretamente responsáveis pela inserção subordinada no mercado informal de trabalho, como seja na prostituição - o que muitas vezes é tido como escolha, se nos revela para nós como falta de opção! “A gente ganha diariamente para sair, para passear dar uma volta fazer programa que é o que a sociedade ainda permite às travesti fazer por que emprego para travesti não é fácil gata” (SHERLY SOARES apud GALVÃO e SILVA, 2021). Para muitas travestis o que resta é se prostituir quando não conseguem o acesso ao mercado de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



trabalho. Deste modo, a rua, além de “moradia”, passa a ser seu local de trabalho através do uso do seu corpo para a subsistência: a prostituição.

No município de Aracati, o espaço encontrado pelas travestis para desenvolver seu trabalho tem sido o Posto e Transportadora Doth LTDA, conhecido popularmente como Posto Br, localizado no quilômetro 47, às margens da BR-304, e está em funcionamento há 17 anos, desde setembro de 1999 (GALVÃO e SILVA, 2021). O local é historicamente um ponto de prostituição de travestis da cidade até os dias atuais.

Conforme o site Medium QG Feminista (2023), em 2010, existia no País um milhão e quinhentos mil profissionais do sexo, sendo que 90% das pessoas que trabalham com prostituição gostariam de ter outro trabalho, mas não têm outras opções de sobrevivência, outro dado importante é o fato de que 87% da prostituição acontece na rua. O Jornal Edição do Brasil afirmou em maio de 2021 que cerca de 90% da população trans brasileira tem na prostituição sua única fonte de renda e possibilidade de subsistência. Vários são os fatores que contribuem para esta situação, principalmente a dificuldade que as travestis têm de serem inseridas no mercado formal de trabalho.

Assim como correm os carros nas estradas, as travestis se veem num convívio social que corre e passa sem perceber, transformações que vão de um pólo a outro numa velocidade incomum onde a sobrevivência é a lei e a ordem é trabalhar. Este complexo metabolismo da vida travestida e da própria sociedade, da informação da tecnologia, exige destes sujeitos a sagacidade e a criatividade da sobrevivência (GALVÃO e SILVA, 2021).

Ir para o “ploc” que é como as “travas”, no linguajar das travestis de Aracati, definem o ato de ir fazer programa. Outras mesclam a prostituição com trabalhos artísticos, bem inconstantes, como Drag Queen fazendo shows em boates, criando performances, participando de concursos de Drags, criando possibilidades de sobreviver pelo veio artístico – comum a elas. Isso não impede de permanecerem sendo submetidas aos preconceitos e aos olhares julgadores e determinantes de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



uma existência relegada ao submundo do trabalho e ao escárnio, sob os estigmas de uma sociedade moralista, patriarcal, heteronormativa (GALVÃO e SILVA, 2021). Diante disso, também nos perguntamos: quais políticas públicas o Estado tem efetivado para essa população? Qual política de emprego e renda tem sido pensada para estes sujeitos?

Vale mencionar que desde o início dos anos 2000 tem surgido organizações como a Federação Nacional de Trabalhadoras do Sexo (FNTP) que tem como área de atuação às associações do Norte e Nordeste, tendo como suas principais bandeiras, a luta contra a exploração sexual e a expressiva preocupação com adolescentes que abandonam os estudos iniciando na prostituição; e a e a Rede Brasileira de Prostitutas que defende regulamentação da prostituição e o consequente reconhecimento da prostituição como profissão, de maneira que se construam instrumentos legais capazes de combater a exploração sexual de prostitutas em todo o país (MELLO, 2009).

De acordo com Rodrigues (2009), no ano de 2000 houve a inclusão da/o profissional do sexo dentro da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) fruto de ações coordenadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) refletindo as novas tendências em relação à prostituição no Brasil em relação ao estatuto do trabalho sexual. Indexada no CBO com o número 5198-05, a ocupação de “profissional do sexo” faz parte da família trabalhadores dos serviços e também abarca outras denominações como: garota/o de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta e trabalhador do sexo (BRASIL, 2023). Neste sentido, é possível afirmar que há, por parte do MTE, o reconhecimento da “profissional do sexo” como um/a trabalhador/a.

Essa mudança trouxe uma perspectiva mais abrangente no que diz respeito à prostituição e seus profissionais. Em fevereiro de 2003 o deputado Fernando Gabeira colocou na pauta do Parlamento Brasileiro o tema da prostituição com o Projeto de Lei n.98/2003 que propunha a exigibilidade de pagamento por serviços

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



de natureza sexual e a supressão dos art. 228, 229 e 230 do Código Penal que criminalizavam a prostituição (BRASIL, 2003a).

Contudo, em sentido contrário ao PL 98/2003 foi criado o PL 2169/2003, que novamente tipificava a prostituição como crime, contribuindo para a paralisação do PL 98/2003 por todo ano de 2004, voltando a trâmite no ano de 2005 com a indicação do deputado federal Carlos Magalhães Neto (PFL-BA) como novo relator. Magalhães rejeitou as propostas do PL 2169/2003 que se opunha ao PL 98/2003, só que mais uma vez o PL 98/2003 sofre com paralisações sendo arquivado e somente retornando à pauta no ano de 2007 mediante a solicitação de desarquivamento do deputado Gabeira (BRASIL, 2003b).

Entre arquivamentos e discussões, o Projeto de Lei 98/2003 passou pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e até o presente momento encontra-se paralisado na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP). Os obstáculos à tramitação e à aprovação, no Parlamento brasileiro, deste projeto que visa descriminalizar prostituição demonstra fundamentalmente a resistência dos grupos organizados, com bases firmadas em tendências religiosas e preconceituosas (EDWARDS,1997). Vale elucidar a ausência de parlamentares identificados com as lutas sociais relacionadas à prostituição.

Nesse cenário de luta e tentativa de reconhecimento da prostituição, em 2012, o então deputado Jean Wyllys, do PSOL, elaborou o Projeto de Lei 4211/2012 que ficou conhecido como: PL Gabriela Leite. Tendo como principal objetivo desmarginalizar a profissão e, desta forma, “permitir, às/aos profissionais do sexo, o acesso à saúde, ao direito do trabalho, à segurança pública e, principalmente, à dignidade humana” (BRASIL, 2012). A intenção vai além da regularização desta profissão que tem o sexo como mercadoria, segundo o autor do projeto, tal proposta vai permitir que o Estado controle este serviço, fazendo a devida fiscalização, constituindo-se, portanto, como um instrumento eficaz no combate à exploração sexual.

PROMOÇÃO



APOIO



O PL de numeração 4211/2012 tem por proposta considerar profissional do sexo: toda pessoa capaz e maior de dezoito anos que voluntariamente presta serviços sexuais mediante a remuneração. O pagamento poderá ser exigível juridicamente a quem contrata o serviço de natureza sexual. Os/as profissionais do sexo segundo o PL poderão atuar de forma autônoma ou em cooperativa e terão direito a aposentadoria especial com 25 anos de serviço (BRASIL, 2012). A Previdência segundo o projeto disponibilizaria o benefício pela Lei 8213/1991, garantindo assim a aposentadoria por estar exercendo uma atividade de alto risco para saúde e integridade física (BRASIL, 1991).

Portanto, como afirma Mello (2003) dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil figuram: a erradicação da marginalização (art. 3º inciso III da CF88) e a promoção do bem de todos (art. 3º, inciso IV, CF88), além disso, são invioláveis (art. 5º, CF88), a liberdade, a igualdade e a segurança. O atual estágio normativo - que não reconhece as/os trabalhadoras do sexo como profissionais - padece de inconstitucionalidade, pois gera exclusão social e marginalização de um setor da sociedade que sofre preconceito e é considerado culpado de qualquer violência contra si, além de não ser destinatário de políticas públicas da saúde.

Há um grande percurso a ser percorrido, mas é sabido que a aprovação de tal projeto de lei poderá ser um divisor de águas nas vidas das milhares de travestis e transexuais que vivem nas estradas no Brasil tendo seus corpos como única e fundamental ferramenta de trabalho e subsistência. Uma forma de proporcionar dignidade humana e trabalhista àquelas que se veem no cotidiano servindo de amparo e conforto sexual nas paradas da vida.

4 CONCLUSÃO

A realidade por nós explanada neste artigo foi, aos poucos, descortinando alguns gatilhos para a compreensão do processo de inserção das travestis na

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



prostituição em Aracati-CE e no Brasil. Percebemos, então, que o processo de travestilidade, gera transformações não somente no corpo, comportamento, expressão das travestis, mas também nas relações sociais que elas desenvolvem, principalmente no âmbito familiar, onde, em sua maioria há ruptura de laços, culminando na expulsão destes sujeitos dos lares de seus genitores. Obrigando-as a vivenciar a experiência da rua e a construir novos laços de família e de subsistência.

Outrossim, a vida na rua passa a determinar qual tipo de vaga de emprego o indivíduo pode ocupar na sociedade brasileira. Por mais que haja vagas de emprego no mercado formal de trabalho, as travas sofrem inúmeros preconceitos e são preteridas. Desta forma, a condição socioeconômica evidencia-se como outro fator primordial na inserção subordinada das travestis na prostituição. O preconceito e discriminação sofrido primeiramente no âmbito familiar, somado à falta de oportunidade no mercado formal de trabalho e, principalmente, a necessidade de suprir sua sobrevivência, levaram e levam milhares de travestis para às ruas, estradas, para a BR, com aquilo que lhes resta de seu, neste caso, seu próprio corpo tornado a própria mercadoria à venda, como única alternativa de subsistência.

O caminho até hoje percorrido nos mostra diversos processos e dimensões a se inter cruzar nas idas e vindas do intenso e dinâmico cotidiano das travestis a vivenciar em seus corpos a (des)construção da identidade de gênero em uma sociedade heteronormativa, que somada à luta pela sobrevivência, a necessidade do trabalho, exigiram/exigem das travas além de criatividade e sagacidade a necessidade de reconhecimento: no plano objetivo, de seus direitos civis, sociais, políticos e, no plano subjetivo, da tentativa de tornar tais pessoas visíveis perante a sociedade e o Estado enquanto sujeitos que mesmo fora desses padrões, seguem seus rumos, experiências, vivenciando a liberdade do ser o que se é, do que se sente ser, do que se pode ser.

Urge a importância de enveredar e ampliar os estudos que tratam de temáticas como estas, envolvendo o estudo de gênero e sexualidades relacionados

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ao trabalho, como aporte para a universidade e para a sociedade enxergar vivências muitas vezes invisibilizadas, outras vezes esquecidas nos pontos e postos das BRs, que nas pressas do processo de produção acadêmica são atropeladas ou acabam passando despercebidas a ponto de estacionar nos mesmos assuntos tão discutidos.

As travestis, são vidas e estão vivas transitando pelo país no submundo do trabalho e construindo alternativas de sobrevivência e autonomia que muito podem nos ensinar. Trazer à tona este debate é construir a oportunidade de transplantar para os livros e para a história informações de luta, resistência e autoafirmação, e deste modo contribuir para formar as bases de uma universidade atenta à comunidade e às transformações sociais que se gestam nos seus pormenores. E assim, ampliar o leque de conhecimentos sobre este segmento da população que são usuárias de políticas públicas em diversos serviços, podendo desmistificar o signo da culpabilização destes sujeitos e garantir seus direitos, com o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e livre, quiçá uma outra sociabilidade!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Thiago Clemente. **Travestis, Transexuais e mercado de trabalho**: muito além da prostituição. III Seminário Internacional Sexualidade. Salvador: 2013.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 8.213/1991**. Disponível em: <https://l1nk.dev/vyRAX>. Acesso em 24 jun. 2023.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 98 de 2003**. 2003a. Disponível em: <https://l1nq.com/uaK4w>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 2169 de 2003**. 2003b. Disponível em: <https://encr.pw/Vo6fU>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 4211 de 2012**. Disponível em: <https://l1nq.com/RI2gp>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

BRASIL, Jornal Edição do. **90% da população trans no Brasil tem prostituição como fonte de renda.** 2021. Disponível em: <https://11nq.com/LmHfn>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Profissional do Sexo.** 2023. Disponível em: <https://encr.pw/dSEdQ>. Acesso em: 24 jun. 2023.

COSTA, Felipe Palmer Lima Costa. **Famílias Trans: a categoria família entre a aliança e a violência com as vidas trans no Brasil.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Guarulhos, 2022.

DINIZ, Maria Ilidiana. **Silenciosas e silenciadas: descortinando a violência contra mulher no cotidiano da prostituição em Natal/RN,** 2009.

EDWARDS, S. **The Legal Regulation of Prostitution: A Human Rights Issue.** In: SCAMBLER, A.; SCAMBLER, G. (Ed.). *Rethinking Prostitution – Purchasing Sex in the 1990s.* London and New York: Routledge, 1997, p. 57-82.

FRANÇA, G.V. **Prostituição: um enfoque político-social.** Rio de Janeiro: Feminina, v. 2, n.2, p.145-148, 2009.

GALVÃO, Cobra Preta dos Santos e SILVA, Maria Cláudia Batista da. **A construção da identidade de gênero das travestis e o acesso ao mercado de trabalho: uma análise da prostituição às margens da BR-340 em Aracati CE.** Aracati: Revista Socializando, Ano 8, No 1, Faculdade dou Vale do Jaguaribe (FVJ), 2021. Disponível em: <https://encr.pw/F3CYa>. Acesso em: 24 jun. 2023.

KULICK, Don. **Travestis, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MELLO, Andreia Skackauskas Vaz De. **As organizações de prostitutas no Brasil e o tráfico internacional de pessoas.** XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MISKOLCI, Richard. **A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas.** In XXX Internacional Congresso LASA, San Francisco, 2012.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. **Fora do Sujeito e Fora do Lugar:** reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis que se prostituem. *Gênero*. Niterói v. 7, p. 257 - 267, 2007. Unesp.academia.edu.

OLIVEIRA, Tibério Lima. **“MEU CORPO, UM CAMPO DE BATALHA”:** a inserção precária das Travestis no mundo do trabalho em tempos de crise capital. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2016.

OAB, Ordem dos Advogados do Brasil. **Entendendo e combatendo a LGBTfobia:** um guia para a sociedade combater todas as formas de fobia contra a comunidade LGBTQIA+. Santarém: OAB, Subseção Santarém PA, Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero, 1ª ed., 2022. Disponível em: <https://encr.pw/Wsd5W>. Acesso em: 24 jun. 2023

PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos.** Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos pagu* (25), julho-dezembro de 2005, pp.217-248.

PRATES, Jane Cruz. **A Pesquisa social a partir do paradigma dialético-crítico:** do projeto à análise do dado. Mimeografado. Porto Alegre, janeiro de 2010;

QG FEMINISTA, Medium. **Prostituição:** dados internacionais e situação do Brasil. 2023. Disponível em: <https://encr.pw/jObgs>. Acesso em: 24 jun. 2023.

RAMALHO, Néelson Alves. **Virar Travesti:** Trajetórias de Vida, Prostituição e Vulnerabilidade Social. Tese de Doutorado-Instituto Universitário de Lisboa (Escola de Sociologia e Políticas Públicas). Janeiro, 2019.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **A prostituição no Brasil contemporâneo:** um trabalho como outro qualquer? Florianópolis: Estudos, Rev. katálysis 12 (1), Jun 2009. Disponível em: <https://encr.pw/qw3ox>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SILVA, Hélio R.S. **Travesti:** a invenção do feminino. Rio de Janeiro, 1993.

SILVA, Maria Claudia Batista da. **Corpos estigmatizados:** uma análise das condições objetivas que engendram a prostituição de travestis no posto de gasolina às margens da BR-304. Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel do Curso de Graduação em Serviço Social da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, Orientadora: Ms. Marilza Nobre. Aracati-CE: 2016.

SOUSA, Juliana Carvalho de, OLIVEIRA, Hilderline Câmara de, VALE, Aline Francilurdes Nery do. **Profissionais do sexo:** um ensaio teórico. *Revista Periódicus*, n. 16, v. 3, p. 82-96, out.202-dez, 2021.

PROMOÇÃO



APOIO